

A filosofia da educação menor de Silvio Gallo¹

Maria dos Remédios de Brito

Universidade Federal do Pará (mrb@ufpa.br)

ID <https://orcid.org/0000-0002-0478-5285>

Recibido: 31/07/2025 / Aceptado: 01/10/2025 / Publicado: 15/11/2025

Para citar este artículo:

De Brito, M. dos R. (2025). A filosofia da educação menor de Silvio Gallo. *Ixtli: Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, 12(24), 45-56. <https://doi.org/10.63314/QSJR3530>

Resumo

O presente ensaio é, sobretudo, um elogio ao pensamento filosófico de Silvio Gallo, filósofo da educação brasileira que se torna uma das principais referências da educação por pensar por vias da diferença, sustentando seu pensamento e prática em defesa da educação libertária. Sua filosofia da educação busca resistir às forças conservadoras e dogmáticas para forjar uma educação filosófica não fundacionalista. O objetivo do ensaio é fazer uma introdução a respeito da sua filosofia da educação menor, que se inicia com sua pesquisa sobre o tema do anarquismo e educação, sofrendo variações até a formação do conceito de educação menor. O estudo passa pelas obras de Gallo sem necessariamente ser posto como referente, mas, sobretudo, uma forma de pensar junto, tentativa de construir um escopo

¹ Sílvio Gallo é um filósofo brasileiro, nascido em Campinas (SP) em 17 de setembro de 1963, residindo em Piracicaba. Atua como professor e pesquisador aposentado na Universidade Estadual de Campinas; tem uma vasta obra a respeito dos problemas educacionais e suas pesquisas giram em torno da Filosofia da Diferença, inspirado pela Filosofia da Diferença Francesa contemporânea, notadamente os escritos de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, René Schérer, entre outros. É um pensador que se torna um dos mais influentes da educação libertária no Brasil. Apresenta uma larga experiência na educação, em filosofia da educação e nos estudos sobre ensino de Filosofia.

Escrito dedicado ao professor Sílvio Gallo, pela ocasião de sua aposentadoria, a quem devo uma parte de quem sou como singularidade, como professora e pesquisadora, em convivência com a sua pessoa, com as leituras de suas obras, com a convivência de sua filosofia prática. Silvio Gallo é uma das pessoas mais extraordinárias com quem tive a oportunidade de conviver; é um filósofo-educador não porque nos ensina modelos ou condutas moralizantes, mas seu ensino vem a partir do profundo gesto ético e estético, podendo ser notado na forma de olhar, de escutar, de conversar, de escrever, de falar, de andar. O outro lhe interessa, ele o ensina e rouba-lhe a paz, portanto, o outro é um nós, é uma multidão. Com isso, Sílvio Gallo exerce o amor, a afetividade mais potente e revolucionária, abrindo a si mesmo para a alteridade e para a produção de um possível, assim como o outro é também alterado genuinamente quando se deixa ser tocado por esse encontro entre singularidades. Silvio Gallo, meu mestre!

inventivo ou estabelecer encontros com suas ideias e escritos, nada a interpretar, mas experimentar com, fazer uma aliança. Gallo, com sua filosofia da educação menor, nos convoca à esperança e à força para continuar resistindo em um campo que se torna cada vez mais palco de interesse do pensamento conservador e autoritário.

Palavras-chave: Silvio Gallo, diferença, filosofia da educação menor

filosofía de la educación menor de Silvio Gallo

Resumen

El presente ensayo es, sobre todo, un elogio al pensamiento filosófico de Silvio Gallo. Filósofo de la educación brasileña que se convierte en una de las principales referencias de la educación por pensar por vías de la diferencia, sosteniendo su pensamiento y práctica en defensa de la educación libertaria. Su filosofía de la educación busca resistir las fuerzas conservadoras y dogmáticas para forjar una educación filosófica no fundacionalista. El objetivo del ensayo es hacer una introducción acerca de su filosofía de la educación menor que se inicia con su investigación sobre el tema del anarquismo y la educación, sufriendo variaciones hasta la formación del concepto de educación menor. El estudio pasa por las obras de Gallo sin necesariamente ser puesto como referente, sino, sobre todo, una forma de pensar junto, intento de construir un ámbito inventivo o establecer encuentros con sus ideas y escritos, nada que interpretar, sino experimentar con, hacer una alianza. Gallo con su filosofía de la educación menor nos convoca a la esperanza y a la fuerza para continuar resistiendo en un campo que se torna cada vez más palco de interés del pensamiento conservador y autoritario.

Palabras clave: Silvio Gallo, diferencia, filosofía de la educación menor

Silvio Gallo's philosophy of minor education

Abstract

This essay is, above all, a tribute to the philosophical thought of Silvio Gallo. A Brazilian philosopher of education, he became one of the main references in education for thinking through the paths of difference, supporting his thought and practice in defense of libertarian education. His philosophy of education seeks to resist conservative and dogmatic forces in order to forge a non-foundationalist philosophical education. The objective of the essay is to provide an introduction to his philosophy of minor education, which begins with his research on the theme of anarchism and education, undergoing variations until the formation of the concept of minor education. The study goes through Gallo's works without necessarily being considered as a reference, but, above all, as a way of thinking together, an attempt to build an inventive scope or establish encounters with his ideas and writings, nothing to interpret, but to experiment with, to make an alliance. Gallo, with his philosophy of minor education, summons us to hope and strength to continue resisting in a field that is increasingly becoming a stage of interest for conservative and authoritarian thought.

Keywords: Silvio Gallo, difference, philosophy of minor education

O filósofo da educação é, antes de qualquer coisa, filósofo. É um pensador, um criador de conceitos que dão consistência a acontecimentos no campo educacional.

(Silvio Gallo, 2003, p. 69)



1

Gallo é um pensador da diferença. Sua obra atravessa um enfrentamento à tradição filosófica e pedagógica dogmática, autoritária, indenitária, universalista, e tem como intercessores fundamentais Mikhail Bakunin, Pierre-Joseph Proudhon, Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, René Schérer, Jacques Rancière, entre outros. É um filósofo que se torna, no Brasil, de suma importância para aqueles interessados na pesquisa em filosofia da educação. Sua obra se espalha por livros, artigos e entrevistas publicados no Brasil e no exterior. Dentre os temas de seu interesse, estão: educação menor, transversalidade, liberdade, educação anarquista, educação libertária, subjetividade, saber, poder, infância, ensino de filosofia.

Todos esses temas atravessam a sua filosofia da educação, porém, tomarei para este ensaio, com linhas de estudos provisórios, o conceito de “educação menor”, pois agrupa o eixo fundamental de sua filosofia da educação. Mas o que se diz da filosofia da educação menor? O que pode nos ensinar? Para pensar essas questões, os argumentos serão construídos por meio de pequenos lampejos, pois o texto não pretende oferecer os elementos definitivos para uma resposta, visto que um problema pode engendrar algumas soluções, mas essas nunca dizem sobre as condições pelas quais o problema padece em sua agitação, antes vem como uma maneira de provocar o pensamento, permitindo que ele se arranje diante de suas fissuras e quebras. A leitura proposta nestes fragmentos não tem intenção de definir ou enclausurar as pesquisas de Gallo, mas quer dizer, antes, como um autor/a pode ser atravessado/a a partir de seus escritos no corpo daquele/a que o lê. As leituras sempre são múltiplas quando uma obra vai para o mundo.

2

Gallo é um pensador da educação, e o anarquismo² foi um dos seus primeiros temas de investigação, mas não era estudado como uma corrente filosófica nas décadas de 1980 e 1990 no Brasil com a seriedadeposta por Gallo. Aparecia no pensamento pedagógico brasileiro como uma passagem sem interesse, mas quando se estudam os trabalhos de Gallo, é possível observar o seu empenho por temas radicais, uma maneira de produzir espaços para o nascimento de outra língua fora das perspectivas autoritárias e dogmáticas. Com isso,

² Conferir as obras: Gallo, Sílvio. *A pedagogia do risco, experiências anarquistas em Educação*. São Paulo: Papirus, 2005; *Educação anarquista: um paradigma para hoje*. São Paulo; Piracicaba. Ed. Unimep, 2005; *Anarquismo; uma introdução filosófica e política*. Rio de Janeiro: Achaimé, 2000; *Pedagogia libertária-anarquista, anarquismo e educação*. São Paulo: Imaginário, Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

o pensador retira a educação anarquista de sua palidez que lhe fora imposta e a sustenta como um novo paradigma para a educação contemporânea. Assim, vai fundo no seu arcabouço conceitual filosófico e a utiliza como campo instrumental de investigação, como enfrentamento ao paradigma educacional autoritário, excludente, capitalista, para dar voz às comunidades e aos processos de singularização, sendo elas capazes de produzir seu ensino, sua educação, envolvidas por suas necessidades, seus interesses, tomando, em suas mãos, suas vidas, seus processos de criação e de saberes, apostando, sobretudo, na criação de um povo, sem negar os impasses, os enfrentamentos e impossibilidades impostas pela sociedade capitalista. Por isso, ele sugere as práticas de autogestão pedagógicas como meio e como fim de uma educação baseada nos interesses efetivos da coletividade.

3

A educação anarquista se coloca como campo de enfrentamento aos poderes macropolíticos (às estruturas estatais e capitalistas), como ação política que possa auxiliar os processos de dissolução lógico-ideológica, possibilitando ferramentas libertárias para desaprender o que foi imposto como subjetividade rígida, empacotada pelos valores mercantis, a fim de que se conquiste a liberdade; no entanto, o processo não é nada fácil, pois a educação vigente está impregnada por uma formação que visa o bom cidadão, moral e obediente, base da educação autoritária estatal. Por isso, é preciso perguntar, tal como Gallo faz: como fazer agir uma educação anarquista no interior de uma sociedade capitalista? Existiria possibilidade de ter sua presença real na sociedade?

Gallo não pensa a educação anarquista como um novo paradigma para a educação contemporânea com ingenuidade, tampouco com a crença em um poder puro de transformação da realidade por simples mudanças na educação. O pensamento anarquista percebe radicalmente que é preciso mexer nas estruturas sociais, educacionais, culturais, políticas, individuais, como problemas importantes para o caminho das modificações, para também pensar outras formas de indivíduos. No entanto, quando se tem ciência dessas questões, é possível ser capaz de fazer enfrentamentos às estruturas autoritárias, pois a questão não é fugir, mas tomar posição, pois a liberdade não se acha, ela é produzida cotidianamente no estranho embate de forças, valores e avaliações.

4

Há uma série de grupos que desejam que a educação permaneça como está, sucateada, empobrecida, que a escola continue de mãos dadas com o capital, com os interesses do mercado, que seja negada às populações menos favorecidas, mas há também aqueles que fazem o enfrentamento radical. O filósofo Sílvio Gallo entende que a educação anarquista deve agir no interior do capitalismo, enfrentar a sociedade de consumo, confiar no enfrentamento, na possibilidade progressiva de abrir brechas, para que as forças micropolíticas possam cada vez mais construir coletividades, construir ruídos, juntar forças, resistir, para pensar práticas de autogestão na educação, nas quais os sujeitos sejam capazes

de se autogovernar, exercitar sua singularidade, suas diferenças. Ele sabe das dificuldades, dos impedimentos, não tem visão romantizada da questão, pois comprehende que a educação anarquista é a possibilidade de um futuro que deve ser feito no agora, buscando dinâmicas de superação para a construção de uma subjetividade que seja libertária, autônoma. Assim, sobre a educação anarquista, diz Gallo:

constrói-se na tensão entre essas duas realidades, uma o dado prático, vivenciado e paulatinamente negado e outro o dado conceitual, construído e buscado como meta. A educação anarquista constitui-se, pois, no seio mesmo do Estado capitalista como projeto e utopia; projeto porque lança-se ao futuro, não pactuando com os complôs pela imobilidade das estruturas sociais, mas procurando dinâmicas dialéticas de superação, do advento do novo. Utopia, porque busca o não-lugar ao lançar ao futuro (Gallo, 1995, p. 224).

Enfrentar com clareza os impasses não quer dizer que se está imune às capturas, pois a educação para a liberdade não está blindada aos efeitos da dominação e exploração do capital. Mas é preciso insistir no exercício diário de não se deixar ser engolido pelos processos sedutores da felicidade imediata, exercitar cotidianamente o pensamento crítico. Assim, o pensador nos leva à reflexão: se curvar e se deixar ser abraçado pelas forças sedutoras do capital, ou discordar e se criar maneiras de produzir outros mundos que não estejam envenenados ou inebriados pelas estruturas de exploração. Segundo Gallo: “A educação anarquista deve inscrever-se no âmbito da transformação social” (1995, p. 220), agindo, conquistando, tencionando, tentando territorializar-se, criar espaço para o não-lugar, existir, tomado por uma territorialidade molar, mas que solicita um espaço de heterogeneidade e de diferenças.

5

A filosofia da educação de Gallo é atravessada por uma veia radical a todo tipo de imposição estatal que penetre nos processos educativos calcados no modelo econômico capitalista de exploração e de autoritarismo. A educação anarquista não é desregramento, niilismo, caos, desordem ou terrorismo. Gallo não aceita esse senso comum, ele pensa a teoria e prática radicalmente críticas, antes, atento para as forças de um estado que afoga as diferenças, as multiplicidades, e como a filosofia política e o anarquismo tendem a tensionar a arena sociopolítica, econômica, que atravessa as políticas educacionais brasileiras. Por isso, não deixa de preconizar a transformação das estruturas geradoras de exclusão, mas também de preconceitos, tais como racismo e sexism, que entram no solo da escola, pois o pensador condena todo e qualquer tipo de violência que não seja capaz de reconhecer o heterogêneo.

Dessa forma, é possível observar as preocupações do filósofo com a produção de uma outra língua, com a criação de outros enunciados, outros agenciamentos maquinícios para a educação, para a prática educativa, notadas desde seus primeiros escritos. Por isso, é importante ressaltar que uma Ideia cruza os tempos para um filósofo, ela martela, não cessa

de produzir agitações, pois um problema sofre dramatizações³, ele não vem de imediato, sombras o atormentam. Uma Ideia, como ensina Deleuze (2010), sempre padece de um abalo, por ser ela mesma uma instância problemática, ou os problemas são as próprias ideias, é que o problema age mesmo em sua indeterminação, e o indeterminado não tem nenhuma ligação com a imperfeição de um certo conhecimento, a ideia age na percepção, como uma espécie de foco, mesmo que contenha uma infinidade a se determinar (Deleuze, 2010).

Então, pode-se dizer que uma Ideia não pulsa pelo claro e nem pelo distinto, ela é sempre um tormento, atravessada por precursores sombrios, pois um inconsciente habita o pensamento, aquilo que não se rationaliza totalmente. A Ideia difere no pensamento, ela é um formigamento, opera fissuras e esgarçamentos no pensamento, sofre violências do fora, vem em saltos, pelas bordas e saltitam sem parar. Não se trata de preencher vacúolos, visto que a Ideia age se diferenciando, e isso não quer dizer que não permaneçam pontos fissurados, quebrados, soltos e desconhecidos ou em nuvens (Deleuze, 2010). A Ideia se veste de um formigamento, essa é sua unidade, “é objetiva, problemática, interna, indeterminada, do determinável e da determinação” (Deleuze, 2010, p. 244). A Ideia integra a variação, o problema da educação aparece no pensamento de Gallo em suas ramificações, acoplamentos, dispersões e intensidades.

6

Educar é uma ação permanente. A criança e os jovens não podem ser largados às forças do acaso, elas devem estar vinculadas a uma coletividade, seus corpos e pensamentos integrados em uma prática vital do presente, envolvidos por sua história, por sua cultura, para que possam se instrumentalizar de si mesmos e suas práticas de liberdade. Sim, a liberdade não é dada, mas produzida cotidianamente, no enfrentamento das impossibilidades de um sistema autoritário, racista, sexista, homofóbico, que exclui mundos outros. Criar estratégias de vida é gestar forças para que o corpo/pensamento não deixe de ser torturado pelo horror, pelo descaso, pela morte. Vale dizer que nada disso diz respeito a modelos pré-fabricados, fechados, acabados, mas passa pelo comprometimento com as multiplicidades, na produção de gestar seu processo de singularização. A experiência não é antes, mas agora, mas Gallo alerta: a liberdade não está dada, antes, sendo necessária ser maquinada, agenciada, operada. Nesse sentido, a filosofia da educação de Gallo passa por uma filosofia atrelada à prática política permanente, junto às tensões macropolíticas (as relações estatais, sociais, econômicas, políticas, mediada pelas forças capitalistas de exploração, mas as forças capitalistas também as produzem) e micropolíticas (o poder e as forças das singularidades resistindo às capturas do Estado e do sistema de exploração, na escola, a sala de aula como trincheira aos poderes estatais).

³ Deleuze fala de um método de dramatização, podendo ser consultado em suas obras *Nietzsche e a Filosofia, Diferença e repetição* e em um texto, intitulado O método de dramatização, contido no livro *A ilha deserta e outros textos*, organizado por David Lapoujade.

Atento aos discursos progressistas, às legislações educacionais, aos conteúdos curriculares, às diretrizes para a educação, aos processos de sujeição, Gallo remete o olhar do professor, da professora, à escola, à educação, ao chão da escola, mas também a certos tipos de expressividades, signos, imagens, discursos, propagandas, para que os mesmos não se deixem ser seduzidos pelo canto da sereia e tome pelas mãos os problemas educacionais, estes que são seus, pois os professores, as professoras, que produzem suas práticas de ensino, devem tomar a escola como lugar que deve ser pensado com seriedade, para poder comportar outras formas de educar, fundamentalmente a si mesmo para ter abertura para o outro em uma relação coletiva de partilha, professor, professora aluno, aluna, envolvendo a família, os gestores, os cuidadores do espaço da escola, pois todos são portadores de desejos, de outra educação que possa ser base de enfrentamento à língua estatal e de controle.

Isso não é uma questão de perseguidor e perseguido, buscar enforcar o inimigo, esquartejá-lo, jogá-lo ao paredão de fuzilamento, mas antes tomar a vida, expressar modos de existir, buscar efetuar um novo mundo, mas nada disso pode ser criado sem que se olhe e sinta uma época, saber o que é intolerável para experimentar criar outras maneiras de subjetividades, criar outros agenciamentos, outras máquinas expressivas de enunciação, que possam ser capazes de viver com as diferenças, acolher novos valores, outros corpos, outras políticas, outras comunicações, formas de estar junto com o dissenso. É preciso que se queira a transmutação dos valores, como nos sugere Gallo na esteira de Nietzsche.

7

O imprevisível e o arriscado perseguem aquele que se coloca como um experimentador, que se confronta com os valores dogmáticos. O conflito é a vida, ele permanece nos roubando a paz, pois não é uma questão de solucionar um problema, mas de como criar linhas de fuga naquilo que parece quase impossível, como criar bolsões de vidas outras. As possíveis soluções são sempre criadas, pois nas virtualidades do mundo há n's formas de vida que podem, ou não, se expressar nos corpos, nos organismos, na matéria. Uma vida pode ser maquinada, por isso a importância dos agenciamentos maquinícios, bem como acolher na experiência a descontinuidade que abarca os encontros.

É preciso produzir outras formas de educação, de técnicas, de metodologias, de didáticas. Não à toa, Gallo se reporta para o ensino de filosofia e didática filosófica para aquilo que, nesse ensino, é negligenciado, as formas de se relacionar com o saber filosófico e sua transmissão. Gallo nos ensina que a filosofia é nossa aliada radical para a experiência expressiva do pensamento, sendo capaz de produzir mudanças epistêmicas, sensíveis no agenciamento de novos signos, quando se constroem outras maneiras de experimentar o pensamento. Sendo assim, sua filosofia da educação menor é radicalmente oposta à filosofia da educação estatal, autoritária, pois deseja outros regimes e práticas educativas para pensar a transição de uma educação comprometida com a vida, mas também com a experiência radical do pensamento crítico.

O normativo, o identitário e o representativo podem ser muito bem substituídos ou conviver com novas práticas coletivas, comunitárias, experimentais, singulares, para elaborar uma epistemologia não reducionista. Gallo se vale da educação política, educação pelos sentidos, educação pelos signos, educação imanente, educação acontecimental, por isso cria uma geofilosofia da educação menor, uma filosofia da educação envolvida com novas produções de lugares, de espaços, sendo o corpo, efetivamente, o seu motor de sentido e criação, uma pequena razão imbricada pelos afetos, pelos encontros. Assim, tudo isso precisaria ser melhor desenvolvido na filosofia da educação de Gallo, e, aqui, é posto como intuições para um estudo futuro de suas obras.

8

Uma filosofia da educação menor? De onde vem o conceito menor? Gallo, para tratar do conceito de educação menor, se inspira em Deleuze e Guattari, na obra *Kafka por uma literatura menor* (2014). Para tanto, ele utiliza do seu conceito de deslocamento. O que seria realizar um deslocamento conceitual? Deslocar não é transferir de um lugar para o outro, ou seja, tirar um conceito filosófico de um autor e transpor para a educação sem saber como ele pode funcionar em outro plano de imanência; o plano é solo de constituição dos conceitos, o solo que traça o recorte no caos, em que pode produzir infinitamente seus diagramas. Uma série de planos se dobram, mas o plano não deixa de fazer suas seleções, ele pode ser compreendido como algo que possui passagens cruzadas ou transversais. Então, deslocar um conceito de um campo de imanência para o outro campo de imanência é fazer outro conceito.

O conceito, ao sofrer o deslocamento no meio das intercessões e movimentos, produz outros sentidos, não é uma transposição. A palavra deslocar pode ser entendida como tirar do lugar, mudar de lugar, mas não é simplesmente isso que o filósofo deseja, pois não é meramente sair de, mas deslocar é fazer a viagem. O sentido de que fazer a viagem é produzir, fabular, criar de outro jeito. Diz Gallo: “pretendo operar por deslocamentos, tomar conceitos e deslocá-los para o campo da educação, para o plano de imanência da educação ou, em outras palavras, desterritorializar” (2003, p. 64). O deslocamento age como variação, como desterritorialização, como abertura rigorosa à criação, portanto, Gallo produz o conceito de educação menor operando por deslocamento, vindo do plano de imanência de Deleuze e Guattari.

O conceito menor não tem nada de pejorativo ou vulgar. Segundo Deleuze e Guattari: “uma literatura menor não é a de uma língua menor, antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (2014, p. 35), mas uma minoria não tem nenhuma ligação com quantidade, assim como maior. O menor diz respeito às forças de enfrentamento, produtoras de campos de resistências, as homogeneidades, as identidades, as unidades e universalidades, pois aqui há o corpo, passagem para as diferenças em sua pura multiplicidade.

Deleuze e Guattari dizem que a literatura menor tem suas características: *desterritorialização da língua; ramificação política; agenciamento coletivo de enunciação*.

Gallo (2005; 2002) opera o deslocamento conceitual desterritorializando para criar uma educação menor como um ato de resistência aos poderes instituídos, às políticas curriculares vindas do governo, aos modelos educativos impostos, formando, assim, uma filosofia da educação menor, teórica e política, defendendo que o professor, a professora, se coloquem como um militante ao invés de um professor, uma professora, profetas.

Gallo (2005) diz que a educação menor também opera por *desterritorialização* dos processos educativos, como máquina de guerra às diretrizes da educação maior (Estado), que controla e subjetiva em série, que diz que aprender é saber. Mas a educação menor entende que aprender está entre o saber e o não saber, que entre uma coisa e outra há tantas outras que escapam, não se tem controle do aprender, “o aprender está para o rato no labirinto” (Gallo, 2005, p. 80).

A segunda característica é a *ramificação política*; a educação menor é uma revolta, age para desterritorializar os programas de controle da educação maior. Ela cria trincheiras em uma política diária com os sujeitos, com o espaço da escola, oferecendo resistência; seu espaço é rizomático, sem totalidades, sem falsas soluções ou caminhos corretos, pois importam as variações e conexões com os alunos, as alunas, os professores, as professoras, com os n's grupos, sempre no meio.

A ramificação política da prática e teoria educativa menor, em certa medida, solicita uma espécie de paixão, raiva, como ação política que busca resistir aos consensos, às condutas impostas, definidoras, aos autoritarismos, às imposições de tipologias subjetivas e vitais, impostas como normalidades. Contra consensos controladores, que tendem a construir hegemonias, é necessário manter uma certa raiva política (*revolta*) para criar gestos dissensuais que não tolerem a exclusão, a segregação social. Esse afeto político é também estético, pois é uma maneira de os corpos não se deixarem ser subordinados e nem controlados por uma única maneira de existir, na busca de reivindicar o governo de si.

Ainda que não seja uma questão tão simples a ser tratada, a raiva como um afeto político, como revolta ou desobediência política ao intolerável, pode, em certa medida, desmistificar a ideia de que se trata de um sentimento baseado na fúria desmedida, violenta, mas pode aderir ao gesto político como paixão libertadora, e retirando da aderência posta a certos corpos, como no caso do corpo feminino, visto como corpo explosivo, ou posta a certos corpos tidos como inferiores, incultos, menos esclarecidos. Assim, a raiva política vem como um gesto de dissidência, de inadequação, de resistência à homogeneidade, pois a vida pulsa em sua diferença.

A terceira característica diz respeito ao *valor da coletividade*. Todo ato político tem valor coletivo, o educador é militante, toda singularidade será coletiva, isso não quer dizer a negação da particularidade, mas o que está implicado é o coletivo e sua singularização subjetiva.

A educação menor enfrenta a educação maior com seus planos e parâmetros produzidos para servir a certos grupos. Diz Gallo que a educação menor “é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistências às políticas impostas; sala de

aula como trincheira, como toca do rato, o buraco do cão, sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossas militâncias, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância” (2005, p. 78), mas também de raiva política.

Gallo fala de duas tipologias de professores que podem atuar na sala de aula: o professor e a professora militante e o professor e a professora profetas. Profeta é o legislador ou construtor dos programas, das diretrizes para a educação, já o militante age diariamente, coloca-se em riscos, experimenta, fabula outros mundos, cava outras saídas, cria uma língua menor, toma-se por revolta, por raiva política, por desobediência e transgressão política, e faz da sala de aula uma trincheira, age como um rato, inventa seus labirintos, escava seus próprios buracos políticos de resistência e de enfrentamento, ciente de que não é uma questão de conduzir alunos e alunas, mas de se constituir com eles e elas, com os pais, com as famílias. Juntos, eles formam um coletivo para escrever o presente, agenciar futuros e enfrentar o inaceitável.

Assim, a educação menor se faz por singularidades, por coletivos, sem negligenciar os modos particulares, buscando a criação de um povo por vir. Podemos dizer que esse é o solo de uma filosofia da educação menor que toma o plano imanência educação como produção de um povo por vir. A filosofia da educação menor, que não é reflexiva ou interpretativa, é criadora de uma língua menor, produtora do presente, de um futuro aberto à diferença. Uma filosofia da educação menor é máquina de guerra e não máquina estatal.

Por tudo isso, Gallo não negligencia a infância, e um dos temas de sua filosofia da educação menor é a infância, lida também como um meio, o que não se converte em origem ou telos, *uma aposta, uma capacidade de germinar mundos*. A infância é cara ao pensador, pois o corpo da criança, por exemplo, é portador de um povo, por isso seus corpos não deixam de ser governados totalmente. As crianças são as forças de um tempo outro, não porque se tornaram adultas para um futuro, mas porque seus corpos germinam o agora, elas confundem, fazem labirintos, cavam as tocas, fazem cartografias impossíveis, é com elas e por elas que se deve encontrar outras pedagogias menores, ainda que não seja fácil.

A filosofia da educação menor está à espreita, seu exercício é diário para se manter como resistência ao rosto autoritário, fascista, racista, sexista, capitalista. Trabalhando para a criação de um povo na medida em que tenha como interesse o outro, a multidão, o paradoxal, a diferença, o heterogêneo. O rosto pavoroso germina e pode vir de qualquer lugar. Não se pode esquecer que há desejo que deseja a repressão, mas é preciso acreditar em um mundo possível, em um desejo que se quer revolucionário. É isso que nos ensina a filosofia de Gallo, sem nenhuma veia moralista, mas ética e política. Não é gesto simples, mas a tomada de posição radical em que os corpos do professor e da professora se tornam uma máquina de guerra⁴ a todo tipo de opressão e que eles resistam às forças ideológicas do sistema capitalista e do poder governamental, cavando outros espaços para habitar a

educação. Então, a filosofia da educação menor de Gallo não é reflexão, interpretação ou fundamentação da educação, antes, é criadora de conceitos⁴.

9

O que Gallo nos ensina com a sua filosofia da educação menor? Que outra educação é possível, uma educação libertária, uma educação menor. Essa educação não deve ser pensada em um futuro messiânico, mas maquinada diariamente, no interior da estrutura capitalista, confundindo esse território excludente, violento, mercantil, para abrir espaços nômades, formas de singularidades. Para isso, é preciso continuar no esforço de abertura de um outro tipo de percepção, de um outro tipo de sensibilidade, implicadas em uma experiência coletiva, partilhada, daí a importância da presença de uma estética de um corpo revoltado, afetado por uma certa raiva política. Não se deve confundir com um corpo violento, insensível, ao contrário, o corpo em revolta é a força expressiva do desejo revolucionário, pois diz que o corpo do professor militante está vivo e atuante frente aos problemas reais da educação. Isso não é um modelo, mas, sobretudo, uma posição implicada com outro tipo de vida na produção de outros mundos.

Referencias

- Costa, D. W. S., Brito, M. dos R. (2018). A literatura de Caio Fernando Abreu como máquina de guerra. *Revista Scriptorium*, 4(1), 1-10.
- Deleuze, G., Guattari, F. (1980). *Mille plateaux: Capitalisme et schizophrénie*. Paris: Éditions de Minuit.
- Deleuze, G., Guattari, F. (2014). *Kafka: Por uma literatura menor* (L. B. L. Orlandi, Trad.). São Paulo: Autêntica.
- Deleuze, G. (2006). *A ilha deserta e outros textos* (D. Lapoujade, Org.; L. B. L. Orlandi, Org. ed. bras.). São Paulo: Iluminuras.
- Deleuze, G. (2010). *Diferença e repetição* (L. B. L. Orlandi, Trad.). São Paulo: Graal.
- Deleuze, G. (2018). *Nietzsche e a filosofia* (L. B. L. Orlandi, Trad.). São Paulo: Editora 34. Gallo, S. (2000). *Anarquismo: Uma introdução filosófica e política*. São Paulo: Achiamé.

⁴ A máquina de guerra é um conceito de Deleuze e Guattari, que não tem ligações com os poderes bélicos, destrutivos, antes se coloca como um processo de criação, de resistência e de confronto aos poderes estatais (máquina sedentária), que tendem a aprisionar e controlar o desejo produtivo, criativo. A máquina de guerra se potencializa e se produz pelo espaço nômade, pela desterritorialização, sendo capaz de criar maneiras de enfrentar os modos sedentários de existir e de viver (estado), fissurando suas estruturas (Cf. Costa, Dhembersson Waly Santos; Brito, Maria dos Remédios. A literatura de Caio Fernando Abreu como máquina de guerra. Revista. Scriptorium, V.4. N. 1. 2018). A máquina de Guerra é criadora de linhas de fuga, linhas de criação (para outros esclarecimentos do conceito, (Cf. Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mille plateaux - Capitalisme et schizophrénie*. Éditions de Minuit, Paris, 1980)).⁵ Gallo atenta para a ideia de criação conceitual e, inspirado em Deleuze e Guattari, ele diz: “o conceito não é apenas um operador lógico; é mais que isso e menos que isso, na medida em que se coloca para além da lógica e para aquém da lógica” (Cf: Gallo, Sílvio. Rasgar o caos: a filosofia como criação de conceitos. Consultar, <http://Clinacand.com>, acesso em: 13 set. 2023).

- Gallo, S. (2002). Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade*, 27(2), 169–178.
<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926/15194>
- Gallo, S. (2003). *Deleuze e educação*. São Paulo: Autêntica.
- Gallo, S. (2005a). *A pedagogia do risco: Experiências anarquistas em educação*. São Paulo: Papirus.
- Gallo, S. (2005b). *Educação anarquista: Um paradigma para hoje*. São Paulo: Ed. Unimep.
- Gallo, S. (2007). *Pedagogia libertária-anarquista: Anarquismo e educação*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas.
- Gallo, S. (n.d.). *Rasgar o caos: A filosofia como criação de conceitos*. Clínica And, <http://clinacand.com>.
Acessado em 13 de setembro de 2023.
-

Maria dos Remédios de Brito

Atua como docente na Universidade Federal do Pará-Brasil, Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas e na Faculdade de Filosofia. Atua nos programas de pós-graduação em filosofía e Artes da mesma instituição de ensino.